

AS ILHAS E AS VIAGENS DOS OBJETOS: O CASO DA COLEÇÃO AFRICANA DO MUSEU CARLOS MACHADO

WELLINGTON NASCIMENTO*

O Museu de Ponta Delgada nasceu na segunda metade do século XIX no ano de 1876. A constituição do Museu deveu-se ao desejo de várias personalidades, porém devemos destacar o Dr. Carlos Maria Gomes Machado neste projeto. Médico e Professor de História Natural foi o responsável pela recolha das primeiras coleções do Museu, principalmente de zoologia, o que reflete a mentalidade e o espírito científico vigente naquela época. Estabelecido este núcleo inicial (1876) no Liceu Nacional de Ponta Delgada, situado no edifício do extinto Convento dos Gracianos, cujo espaço Museológico recebeu a designação de *Museu Açoriano*, apenas abriu as portas ao público quatro anos mais tarde, em 10 de junho de 1880 sob a direção do Dr. Carlos Maria Gomes Machado.

Em meados do século XIX foi incorporado à coleção do Museu um conjunto de artefatos africanos, doados pelo 2º Conde de Fonte Bela, Jacinto da Silveira Gago da Câmara, que os tinha adquirido à Sr.^a Mariana Âmbar viúva do Contra-Almirante Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes (Capitão do Porto de Ponta Delgada entre 1886 e 1888) por um conto de reis. A Coleção é um acervo unitário e fechado, com cerca de 600 peças, de diversas etnias e localidades da África. A Coleção é composta de estatuetas, máscaras, armas, instrumentos musicais,

* CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores; Investigador do Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Uac; Colaborador do CHAIA - Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora e Bolseiro de Doutoramento pelo FRC - Governo Regional dos Açores.

encostos de cabeça, etc., sendo mais comuns as peças de madeira e metal. Pouco mais se sabe sobre a Coleção e a gênese de sua formação, e até a data da incorporação da Coleção no acervo do Museu Carlos Machado também é imprecisa, constando apenas o primeiro registo da sua catalogação, em 20 de abril de 1893, da responsabilidade do Sr. Manoel Antonio de Vasconcelos, preparador do Museu nesse período. Inicialmente localizado no antigo Liceu Nacional de Ponta Delgada, situado no edifício do extinto Convento dos Gracianos, em 1943, o Museu Carlos Machado foi instalado no antigo Convento de Santo André e desde esta data (1943) a Coleção Africana encontra-se instalada numa das salas do Convento, e reservada do público até ao presente, pela ausência de pesquisa aprofundada e sistemática sobre o espólio, de características muito particulares por comparação com os restantes núcleos existentes no Museu. A par destas informações decidi em 2011 pôr em prática um Projeto de Doutoramento com a finalidade de investigar, organizar e divulgar a Coleção de Arte Africana do Museu Carlos Machado, este projeto conta com a participação e apoio do Museu Carlos Machado, do Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores e do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia. Sob a orientação científica da Professora Doutora Manuela Cantinho - Curadora do Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa e do Professor Doutor Paulo Simões da Universidade de Évora, este Projeto de Doutoramento tem como principal objetivo resgatar a dignidade inicial da Coleção através de um estudo profundo e minucioso que possibilitará responder questões relevantes para a compreensão e contextualização da Coleção e que conduzirá à realização de uma exposição, elaboração de um catálogo, participação em Colóquios nacionais e internacionais e publicação de uma Tese. O projeto encontra-se dividido em: levantamento bibliográfico e estudo preliminar da coleção; conhecer o que já se produziu e registrou a respeito do tema e conhecer o estado atual (organização, conservação, acondicionamento) da Coleção; Confrontar os inventários de 1893(MCM) com os de 1960(MCM) e com as fichas de inventários atuais (MCM); selecionar e catalogar os artefatos etnográficos da Coleção: 1 – Localização e identificação; 2 - Higienização e catalogação; 3 - Descrição e registo; 4 - Preenchimento da ficha de catalogação para alimentação do banco de dados; 5 - Registo fotográfico; 6 – Introdução das informações reunidas no banco de dados; Conservação preventiva; Impedir a deterioração dos artefatos, com a implementação de uma série de medidas preventivas e a aplicação de processos de estabilização de caráter curativo; Elaboração de um diagnóstico de conservação, identificando os problemas e ações necessárias para sua correção; Elaboração de um plano de manutenção para evitar o risco de nova deterioração; Higienização e exposição dos artefatos de forma a revelarem suas características formais e funcionais e acondicionamento dos artefatos. Contando já com 119

anos de presença no acervo do Museu Carlos Machado o estudo, dinamização e divulgação da Coleção de Arte Africana constituem uma necessidade, por se revestir de inegável interesse científico e cultural para a Região Autónoma dos Açores, para a sua salvaguarda e para aprofundar o conhecimento sobre o Património Regional. Posteriormente, outras doações foram concretizadas por particulares e instituições públicas e privadas, nunca tendo, contudo, alcançado o significado da que o Conde de Fonte Bela ofertou. A escassez de informação que possa esclarecer sobre a filosofia que esteve na base da recolha etnográfica, os autores que a desencadearam e o ano preciso de sua realização deixa estas questões sem resposta. A data da incorporação da coleção no acervo do Museu também é imprecisa, consta apenas o primeiro registro da sua catalogação, em 20 de abril de 1893, da responsabilidade do Sr. Manoel Antonio de Vasconcelos, preparador do Museu nesse período. Em 1960, no Livro de Cadastro dos Bens do Domínio Privado Móveis do Museu Carlos Machado (MCM), na Seção de Etnografia, a coleção de objetos africanos foi apresentada já com informação relativa ao número de inventário, valor atribuído às peças e estado de conservação. Na década seguinte, tendo como referência as duas listagens anteriores, foram efetuadas fichas de inventário dos objetos africanos, não tendo sido acrescentada mais informação a então existente. Em 1943, o Museu foi instalado no antigo Convento de Santo André e já apresentava uma linguagem museográfica com vocação generalista que incluía Seções de Arte, de Etnografia Regional, de Epigrafia e Arquitetura Regional, de Etnografia Conventual e Arte Religiosa e ainda de Ciências Naturais. A Seção de Etnografia Africana, desde esta data (1943) encontra-se instalada numa das salas do Convento, e reservada do público até ao presente, justificando-se esta opção pela ausência de pesquisa aprofundada e sistemática sobre o espólio, de características muito particulares por comparação com os restantes núcleos existentes no Museu. O Museu Carlos Machado vem, ao longo da recente história açoriana, desenvolvendo ações de caráter cultural e social relevantes para a Região Autónoma dos Açores. A Coleção de Arte Africana representa uma época de ouro do conhecimento científico da Europa sobre o resto do Mundo, diz respeito a povos que tiveram um papel central na história de Portugal e a riqueza e a complexidade das suas peças (algumas únicas) são fundamentais para compreendermos um pouco mais o mundo no qual vivemos e a importância central dos Açores nos diversos períodos da nossa história. E no caso da Coleção de Arte Africana do MCM, podemos aferir que o interesse para o seu estudo abrange muito mais que o interesse Regional.

O objetivo deste projeto de Doutoramento é analisar o processo de dessacralização e de “desnobilização” que os objetos da coleção sofreram por via da

sua incorporação numa coleção europeia, o que levou à sua valorização artística e técnica, em detrimento do seu possível significado mágico-sagrado e político ou de poder. Na África Negra tradicional, a arte não se separa do resto da vida social, ao contrário, perpassa todas as atividades e complementa-se na performance (dança, música, pintura corporal, escultura etc.). A ligação entre ritual e atividade artística faz com que os objetos sejam vistos como receptáculos de poder que em contexto europeu, apesar dos esforços da etnologia e da antropologia, acaba por se diluir. A começar, talvez, porque na origem não haverá essa distinção entre arte, técnica e sagrado, todos estes aspectos fariam parte do estatuto destas peças enquanto mediadoras entre a dimensão metafísica e física. Com efeito, antes da descoberta da arte africana por Picasso, Gauguin, Modigliani e outros artistas europeus, no início do século passado, era quase impossível se admitir a existência de uma arte africana merecedora de tal designação, o que chamamos hoje de arte africana resulta da dialética entre permanência e transformação, entre unidade e diversidade, entre a criação dos artistas africanos e os parâmetros do mercado de arte euroamericano, não esquecendo que os conflitos pós-coloniais, a globalização do mercado, as novas tecnologias de comunicação e a intensificação do turismo também contribuíram e contribuem para esta transformação. Os objetos tornaram-se arte ao longo do tempo e conforme se inseriram no sistema das artes e dos museus euroamericanos [GRABURN, 2006], o que não quer dizer que as intenções originais devam ser obliteradas, pelo contrário, diversas camadas de sentido e de valor vão se sobrepondo durante a trajetória destes objetos.

Como chegar a essa análise? Comparando os diversos fatores que poderão estar por trás da produção dos objetos, seus possíveis significados e funções originais, recorrendo a Antropologia e à História da Arte africana, tendo em conta as suas distintas origens; o percurso destes objetos até sua integração na coleção: qual o espírito que esteve na base das recolhas, que autor ou autores as realizaram, com que objetivo em que períodos e em que locais tiveram lugar; os discursos que sobre eles foram feitos a partir do momento em que entraram na coleção do Museu Carlos Machado, através dos inventários, catálogos de exposições e ainda, os critérios de seleção dos objetos a expor e o modo como foram expostos ao público ao longo do tempo.

Pretendo com este processo transdisciplinar, atravessado pela História da Arte, pela Antropologia e pela Museologia produzir um corpo de análise crítica que me permita construir um novo discurso sobre estes objetos, uma nova perspectiva de interpretação e valorização, que consiga incorporar os possíveis significados originais destas obras e o percurso que lhe foi determinado enquanto arte pela leitura europeia - que presentemente também já não pode ser ignorado, pois faz parte da sua história. Este processo levará também à realização de uma exposição,

elaboração de um catálogo, participação em Colóquios nacionais e/ou internacionais e na publicação da Tese final.

Em meados do século XIX o Museu Carlos Machado¹, incorporou ao seu espólio um conjunto de artefatos africanos doados pelo 2º Conde de Fonte Bela, Jacinto da Silveira Gago da Câmara, esses artefatos originalmente pertenceram ao Contra-Almirante Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes (Capitão do Porto de Ponta Delgada entre 1886 e 1888). Após a sua morte a Sr.^a Mariana Âmbar, viúva do Contra-Almirante, vendeu o espólio por um conto de reis ao 2º Conde de Fonte Bela [ATHAIDE. 1944]. A Coleção é um acervo unitário e fechado, com cerca de 600 peças, de diversas etnias e localidades da África e é composta de estatuetas, máscaras, armas, instrumentos musicais, encostos de cabeça, etc., sendo mais comuns as peças de madeira e metal. Pouco mais se sabe sobre a Coleção e a gênese de sua formação, e até a data da incorporação da Coleção no acervo do Museu Carlos Machado também é imprecisa, constando apenas o primeiro registo da sua catalogação, em 20 de abril de 1893[SOUSA, 2011], da responsabilidade do Sr. Manoel Antonio de Vasconcelos, preparador do Museu nesse período.

Inicialmente localizado no antigo Liceu Nacional de Ponta Delgada, situado no edifício do extinto Convento dos Gracianos, em 1943, o Museu Carlos Machado foi instalado no antigo Convento de Santo André e desde esta data (1943) a Coleção Africana encontra-se instalada numa das salas do Convento, e reservada do público até ao presente, pela ausência de pesquisa aprofundada e sistemática sobre o espólio de características muito particulares por comparação com os restantes núcleos existentes no Museu. Em 1998, no âmbito do trabalho “Inventário das Coleções Maconde em Museus Portugueses”, realizado pelo Dr. Rogério Abreu sob orientação do Professor Doutor Joaquim Pais de Brito, do acervo do Museu Carlos Machado foram identificadas e estudadas vinte e oito peças procedentes de Moçambique, das quais um pequeno grupo que corresponde à circunscrição cultural dos Macondes de Moçambique [Abreu, 1999]. Mais recentemente, o Dr. Luiz Nilton Corrêa, com o apoio do Dr. Francisco Zambujo, desenvolveu um projeto de investigação no âmbito da Arte Primeira, tendo como base de trabalho o estudo de artefatos africanos do Museu Carlos Machado, o qual não sofreu continuidade. Em 2008, no âmbito do projeto Museu em Sua Casa, Anne Stichelmans realizou dois estudos apresentados em formato de ficha, um dedicado à Escultura “Luba” e outro a uma Cadeira (Trono) de Chefe Tchokwe [STICHELMANS, 2007-2008] os quais também foram um contributo importante para o estudo e a divulgação das respectivas peças.

Ao longo do tempo, alguns objetos ou conjuntos têm adquirido alguma proe-

1 Situado na Cidade de Ponta Delgada, ilha de São Miguel – Açores.

minência, decorrente dos projetos de pesquisa de investigadores externos e da divulgação do acervo efetuada através da participação de alguns objetos em exposições ou outras iniciativas. Como exemplo mais relevante, é de destacar a escultura “Luba”, Mulher com recipiente de adivinhação que, em 1985, foi requisitada pelo Museu Nacional de Etnologia [LADEIRA, 1985] para integrar a exposição temporária *Escultura Africana em Portugal*. Nesse âmbito, a peça foi sujeita, por aquele museu, a uma intervenção de restauro no braço direito. Em 1996, esta escultura integrou a exposição temporária *Memory Luba Art and the Making History*, [ROBERTS, 1996] que se realizou no *Museum for African Art*, em Nova York. Em 2001, por solicitação da *University of Massachusetts*, uma imagem deste objeto integrou naquela instituição o projeto educativo de interatividade multimédia designado *A History of Art for the Twenty First Century*. Em 2005 integrou a exposição temporária *Orígenes*, que se realizou no Centro Cultural Conde Duque, em Madrid. A escultura “Luba” figura ainda nos catálogos das exposições temporárias que integrou, bem como no da exposição *Luba aux sources du Zaire*, de 1993, realizada no Museu Dapper, em Paris.

O Museu Carlos Machado vem, ao longo da recente história açoriana, desenvolvendo ações de caráter cultural e social relevantes para a Região Autónoma dos Açores. A Coleção de Arte Africana representa uma época de ouro do conhecimento científico da Europa sobre o resto do Mundo, diz respeito a povos que tiveram um papel central na história de Portugal e a riqueza e a complexidade das suas peças (algumas únicas) são fundamentais para compreendermos um pouco mais o mundo no qual vivemos e a importância central dos Açores nos diversos períodos da nossa história. No caso da Coleção de Arte Africana do Museu Carlos Machado, podemos aferir que o interesse para o seu estudo abrange muito mais que o interesse Regional. Contando já com mais de 120 anos de presença no acervo do Museu Carlos Machado a Coleção de Arte Africana, pela escassez de estudos e investigação não nos permite, até ao momento, responder a questões que são relevantes para a compreensão e comunicação da coleção. Considerando as orientações museológicas mais recentes, plasmadas pelo *International Council of Museums* e pela Lei n.º 47/2004 de 19 de agosto, que aprovou a Lei Quadro dos Museus Portugueses, para além da salvaguarda da coleção africana do Museu Carlos Machado o seu estudo, dinamização e divulgação constituem uma necessidade, por se revestir de inegável interesse científico e cultural para a Região Autónoma dos Açores.

Atividades	2014/2015 -												
	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	
A -													
B -													
C -	x	x	x	x	x								
D -					x	x	x	x	x	x	x	x	x



Cadeira Chefiãl Tchokwe



Escultura LUBA - mulher com recipiente de divinação.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Rogério Marques, “*Inventário das Coleções Macondes em Museus Portugueses*”, Museu Nacional de Etnologia, Lisboa, 1999.
- ATHAIDE, Luís Bernardo de, “*As Secções de Arte e Etnografia do Museu de Ponta Delgada*”, Ponta Delgada, 1944.
- CANTINHO, Manuela, “*O Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa. modernidade, colonização e alteridade*”, FCT / Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005.
- CONSTÂNCIA, João, “*O Departamento de Historial Natural do Museu Carlos Machado. Coleções Históricas e Novos Desafios*”, in *Iº Encontro das Instituições Museológicas dos Açores*, 1994.
- GRABURN, Nelson, “*Arts of the Fourth World*” in: “*The Anthropology of art: a reader*”, MORPHY, Howard; PERKINS, Morgan (ed.), Oxford: Blackwell, 2006, p. 412-414.
- LADEIRA, Carlos, “*Catalogo da Exposição Escultura Africana em Portugal*”, Museu de Etnologia do Instituto de Investigação Científica Tropical, Museu de Etnologia, Lisboa, 1985.
- VASCONCELOS, Manuel, “*Inventário de objetos d’África pertencentes ao Museu Municipal de Ponta Delgada*”, in *As Secções de Arte e Etnografia do Museu de Ponta Delgada*, 1944.
- ROBERTS, Mary Nooter; ROBERTS, Allen, “*Memory: Luba Art And The Making Of History*”, Center For African Art, 1996.
- SOUSA, Silvia Fonseca, “*A Coleção Africana do Museu Carlos Machado*”, in “*Representações de África e dos Africanos na História Cultural – Séculos XV a XXI*”, José Damião Rodrigues e Casimiro Rodrigues (ed.), Ponta Delgada, 2011.
- STICHELMANS, Ana, “*O museu em sua casa*”, Direção Regional da Cultura / Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, 2007-2008.